

AMOR, TRANSFERÊNCIA E DESEJO

Lucia Serrano Percira ¹

“Afirmo em nada mais ser entendido, senão nas questões do amor”. Isso é o que está dito por Sócrates na obra de Platão “ O Banquete”.

O Banquete nos é indicado por Lacan em pelo menos três momentos importantes, ao longo de seus escritos e seminários, a cada vez que a questão é: transferência. No Seminário “ Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise destaca:

“O momento essencial, ao qual se deve reportar a questão que temos que nos colocar, da ação do analista, é aquela em que é dito que Sócrates jamais pretendeu nada saber senão o que diz respeito a Eros, quer dizer, ao desejo.

Platão nos indica, da maneira mais precisa, o lugar da transferência. Desde que haja algum lugar do Sujeito Suposto Saber, há transferência. De cada vez que esta função, S. s. S. pode ser, para o sujeito, encarnada em que quer que seja analista ou não, a transferência já está então fundada”. (Seminário 11 – Lacan)

Às voltas com a transferência e com essas leituras algo me chamou a atenção nas traduções do Banquete, do grego para o português, assim como nos seminários.

Nas versões do Banquete:

Sócrates não queria saber de nada, a não ser o que se refere ao amor.

No seminário 11 Lacan diz: Sócrates não queria saber de nada, a não ser de Eros, quer dizer, do desejo.

Então, o que diz respeito a Eros?

Amor? Desejo?

Mesmo aí é preciso levar em conta o que pode implicar de diferença entre amor na concepção grega, e na nossa concepção. Nesse sentido é possível que Eros esteja mais do lado do desejo (ex: erótica grega) do que do amor cristão da nossa cultura. Assim, trabalhar com “O Banquete” é possível mais como alegoria, diferente do que uma tomada na própria cultura grega.

Mais isso seria suficiente para responder o que surgiu como diferença?

Quais as relações do amor com o desejo?

Será que não é justamente por aí que a transferência se põe em questão, em uma análise?

Como uma demanda de amor pode produzir desejo?

Como transferência pode produzir trabalho analítico?

Se é em torno de Alcebíades e Sócrates que gira o Banquete para tratar do que diz respeito à transferência, é pelo fato de que é demandado o amor de Sócrates que Alcebíades pode realizar desejo.

O que está em jogo nesta relação?

Sobre O Banquete: Ágaton recebe convidados em sua casa para comemorar o sucesso que tivera na noite anterior na tragédia grega. Como os seus convidados estavam de ressaca, em vez de beber resolveram falar. Alguém propõe: sobre Eros. Louvam o grande deus. Cada um faz seu elogio a Eros seguindo certa ordem. A festa e os discursos são interrompidos pela chegada de Alcebíades, bêbado, que subverte a ordem das coisas. É relatado a Alcebíades o que estava ocorrendo, os discursos. Alcebíades é convidado a falar, fazer seu elogio a Eros, diz que não vai elogiar a Eros e sim a Sócrates (presente também a festa). Faz então seu o elogio a Sócrates, contando a todos sobre o seu amor por ele, seu sofrimento, suas tentativas de seduzir Sócrates em vão. No final recomenda a Ágaton que não se deixe seduzir por Sócrates. Este responde a Alcebíades algo como: tu demandas meu amor e o objeto de meu discurso é Ágaton.

Alcebíades elogia/demanda a Sócrates. Toda a demanda é demanda de amor, de reconhecimento. Mas o que determina nesse lugar demandante, ali?

Ouvindo um pouco mais Alcebíades quando elogia a Sócrates, ele diz algumas coisas assim:

“Louvar Sócrates, senhores, é assim que eu tentarei, através de imagens... Afirmo eu então que ele é muito semelhante a esses Silenos colocados nas oficinas dos estatuários, que os artistas representam com um pifre ou uma flauta, com os quais aberto ao meio, vê-se que tem em seu interior estatuetas de deuses

... É ironizando e brincando com os homens que ele (Sócrates) passa toda a vida. Uma vez porém que fica sério e se abre, não sei se alguém já viu as estátuas lá dentro (os agalmatas), eu por mim já uma vez as vi, e tão divina me pareceram elas, com tanto ouro,

com uma beleza tão completa e tão extraordinária que só tinha de fazer imediatamente o que mandasse Sócrates".(O Banquete, p. 46)

algo na relação de Sócrates com Alcebíades faz com que neste surja o lugar do amante, desejante.

Algo, agalma.

O que se encontra dentro dos silenos.

Os silenos eram divindades campestres que personificavam a vida selvagem, natural. Bestiais em seus desejos eram representados como homens maduros com aparência extremamente grotesca, feia. À eles era suposta a posse de conhecimentos secretos. Os artistas faziam imagens de silenos como caixas, imagens que abriam-se portanto dentro da agalma.

Agalma – do grego – honra, glória, delícia. Ornato, jóia, oferenda, estátua. Imagem pictórica ou literária. Agalma é tanto um traço como um objeto que adorna ou que se oferece, que circula ou fica imóvel. (Seminário 8 – A Transferência)

Objeto de adorno, de orgulho, oferta feita aos deuses, imagem, estátua dos deuses, jóia, adorno. (dicionário Grego-Português)

Agalma objeto de gozo, honra, dádiva dos deuses, oferenda. (prof. de filosofia grega)

Laca diz que cada vez encontramos a “agalma”, é de se prestar a atenção ao fato de que ainda quando se trata de estátuas dos deuses, olhando de perto, percebemos que é sempre de outra coisa que se trata, está sempre em relação as imagens, à condição de que se veja bem em todo contexto é sempre de um tipo de imagem bem especial. Agalma é algo ao redor do que se pode atrair a atenção divina, uma espécie de “trampa” para os deuses. Agalma está na coisa.

Lacan chama a atenção para o fato de que o que vai nos interessar aqui, em especial, a respeito do agalma é o fato de ser algo que esta no interior.

No interior dos silenos grotescos está a maravilha.

Dentro do feio Sócrates está o agalma, para Alcebíades, e é o que ele pede.

Há agalmatas em Sócrates, isto é o que provocou o amor de Alcebíades.

No objeto de amor, o agalma está escondido. Não está a mostra. O objeto de amor “veste” isso que está dentro, é uma envoltura, uma vestimenta, um casulo com agalma no interior.

O agalma é objeto de desejo: o pequeno a, o objeto que “me faz desejar”.

O objeto de amor – i(a) – o é justamente porque dentro está escondido o a – objeto causa do desejo.

Sócrates não é ali mais do que a envoltura do que é objeto de desejo.

O amor é fundamentalmente narcísico. Amor cristão, amor cortês...

No amor, se ama a um semelhante, mas tem algo mais que isso: uma idealização do objeto de amor, a quem se supõe traços ideais, significantes do meu próprio ideal do eu, para que amando esse objeto eu possa parecer amável pelo meu próprio ideal de eu.

Lacan nos dá o exemplo da menininha que dizia ele que já era hora de alguém se ocupar dela para ela para que ela parecesse amável a si mesma. Assim ela fazia a confissão do que entra em jogo num primeiro tempo da transferência: o sujeito tendo uma relação a seu analista cujo centro está ao nível desse significante ideal de eu, na medida em que dali ele se sentirá tão satisfatório quanto amado.

Assim pensando no objeto de amor como sendo, como chamamos “o casulo com agalma dentro”, poderíamos pensar esses significantes relativos ao ideal de eu que o objeto porta, como relativos ao próprio “casulo”.

Retomando então nossa questão: como demanda de amor (transferência) vai ter relação com a produção de desejo (trabalho analítico)?

Já salientamos: o objeto de amor porta, escondido, o objeto de desejo. O desejo se articula na dependência da demanda.; é o que sustenta qualquer demanda.

No seu discurso, Alcebíades demanda ser amado por Sócrates. Tem Sócrates por objeto de amor. Mas ao mesmo tempo é bem visível aí a relação de Alcebíades ao desejo. Ele vai pedir a Sócrates que não sabe bem o que é mas que chama de agalma, que ao seu olhar representa algo para além de todos os bens.

Isso, em outras palavras é apresentado no seminário 11, a respeito da fala do analisante ao analista, da seguinte maneira:

“Eu te amo, mas porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto a minúsculo, eu te muto”.

O objeto a: não que seja o objeto que “eu quero”, mas sim o objeto que me faz desejar.

Freud dizia que nada poderia ser atingido “in abstentia, in effigie”, e também que era preciso para poder interpretar, esperar esse efeito de transferência, o amor, como efeito de transferência em sua face de resistência. É preciso esperá-lo e ao mesmo tempo sabermos que ele fecha o sujeito ao efeito de nossa interpretação. O sujeito entra em jogo a partir desse suporte fundamental: ele é suposto ao saber (por ser sujeito ao desejo).

O fato de haver suposição já nos indica transferência. A verdade do sujeito é suposta como um saber, e o campo da transferência é onde isso se manifesta (um S2 que vem como saber do Outro incide sobre um S1, produzindo sujeito porque há uma suposição). Há nisso um assujeitamento ao Outro e com isso o analisante pode propor-se a enganar o analista dessa sujeição, fazendo-se amar por ele, propondo o amor. O efeito de transferência é esse efeito de tapeação.

Então, pensando ainda a imbricação do amor/desejo, podemos dizer que é certo que é preciso desejo para que haja transferência, mas é uma demanda de amor. Uma demanda de amor que produz desejo.

Quando Alcebíades termina o elogio a Sócrates este diz: “Tu queres ser meu objeto de amor e queres ter Ágaton como teu objeto de amor.

Em outras palavras: te ofereces como amado (eromenos), demanda o meu amor, o agalma, para te dirigires então quanto amante (erastes).

Quanto a Ágaton, não é o que mais importa. Importa é que também ali haverá uma busca de agalmatas. Platão não dá a Ágaton um lugar muito interessante, muito inteligente. Ele está ali para ser louvado em seu sucesso. O banquete é para sua glória, no entanto, ou justamente por isso, Ágaton faz um discurso a Eros desde um lugar de ridículo. É o mais bobo, é a ele a quem se atribui haver dito o que há de mais verdadeiro no amor. (Ele não sabe o que diz, e não por isto é menos o objeto amado). Ágaton não é o crucial. A questão não é definir o que é desejo, mas sim de realizar desejo. Por em ato o inconsciente.

Se é demandando o amor de Sócrates que Alcebíades pode realizar desejo, se é na instalação do Sujeito suposto saber que isto ocorre, ao mesmo tempo é importante lembrar que a experiência analítica não é um empreendimento, uma organização de saber.

Sócrates não fala a partir do discurso do analista, o que ele sabe e o que o analista deve poder ter presente, é que com respeito ao “agalma” a questão é diferente do que ao acesso a algum ideal.

Penso que por aí anda o que poderíamos marcar como importância da transferência, da demanda de amor, na clínica.

O amor de transferência, esse endereçamento, é uma condição de possibilidade de uma análise. É também uma condição de possibilidade de uma análise o fato de que o analista possa ter em conta esse endereçamento, pois é desse lugar que nos é oferecido no discurso do analisante que pode surgir uma palavra que tenha efetividade.

O amor na transferência intensifica, impulsiona a produção de efeitos de sujeito, de verdade (produção de S1) na medida em que a palavra é ouvida como de um lugar Outro, de um lugar terceiro, da verdade.

Talvez até possamos dizer que, pondo-se em jogo, pelo amor, a ilusão ou a esperança de uma adequação – entre saber e verdade; entre objeto e falta no outro – haja a possibilidade de fazer uma experiência diferente disso, dessa adequação a um sentido onde imaginariamente o ser falante busca sua ancoragem. Para fazer separação, é preciso que tenha havido alienação.

É na transferência que a verdade é concebida como se fosse um saber:

“O ganho do saber consciente obtido no decorrer de uma análise é ganho no saber que foi imaginado no lugar da verdade, e não ganho na verdade”. (C. Calligaris – Hipótese sobre o fantasma, p. 142).

Se há um saber que importa na análise seria mais o que se apóia na experiência mesma da análise, daquilo que ali se produziu.

O saber, ele está no Outro. Mas como suposição, não como substância.

“Aquele a quem suponho o saber, eu o amo” (Lacan).

Para concluir, gostaria de retomar algo que Lacan propõe nas ultimas páginas do Seminário 20 – “Ainda”, sobre o amor, algo que não deixa de ser um tanto enigmático, que talvez deixe ou aponte certo caminho aberto:

Ele diz que o importante do que revelou o discurso analítico é que o saber tem a maior relação com o amor: todo amor se baseia numa relação entre dois saberes inconscientes, sendo a transferência motivada por S.s.S.

Do parceiro, o amor só pode realizar um reconhecimento. Esse reconhecimento seria a maneira pela qual a relação chamada sexual – que se torna ali uma relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente - “para de não se escrever”.

O reconhecimento seria então uma forma de fazer com que aquilo que “não para de não se escrever” – a relação sexual – parecesse que ela parasse de não se escrever.

“Para de não se escrever” – contingente

“Não para de se escrever” – necessário

Em “para de não se escrever”, na contingência, Lacan diz que há o encontro no parceiro dos sintomas, dos afetos, de tudo o que em cada um marca o traço de seu exílio (não como sujeito), mas como falante, da relação sexual, e que pelo afeto resulta dessa falta, dessa ânsia, que algo se encontra por um instante, dando a ilusão de que a relação sexual para de não se escrever.

Ilusão de que algo se escreve no destino de cada um, pelo que durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem.

A tentativa, então, no amor seria de um impossível para uma contingencialidade.

Lacan diz que isso ainda vai mais: que o amor ainda tende a fazer passar para o necessário. O destino e o drama do amor. O deslocamento da negação, do para de não se escrever (contingente) ao não para de se escrever (necessário), aí que estaria o ponto de suspensão a que se agarra todo amor.

Isso nos leva a pensar no amor como um tempo de escansão, de suspensão do impossível da relação sexual através da ilusão que o sustenta na contingência.